

RESENHA DO LIVRO *ENTRE ARTE E CIÊNCIA: A FOTOGRAFIA NA ANTROPOLOGIA*

José Batista L. de OLIVEIRA*

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Entre arte e ciência**: a fotografia na antropologia. São Paulo: EDUSP, 2015.

Entre Arte e Ciência: fotografia na antropologia é organizado pela antropóloga Sylvia Caiuby Novaes. A obra está dividida em nove artigos. A autora é professora titular no Departamento de Antropologia na Universidade de São Paulo, onde coordena o LISA – Laboratório de Imagem e Som em Antropologia. O livro trata do uso da técnica fotográfica usada pelos antropólogos em suas pesquisas empíricas e ensaios teóricos. O livro apresenta uma gama de artigos diversificados – trazendo um novo olhar sobre o uso da fotografia na antropologia. O livro extrapola o uso da câmera – as lentes vão além da materialidade da fotografia – pois traz à tona velhos novos questionamentos: a questão metodológica.

O trabalho de Costilhes há uma dimensão intercultural. Ela explora, através da fotografia, os têxteis que são feitos por mulheres Minas Gerais e nos Andes peruanos. Os têxteis são explorados na perspectiva antropológica visual onde os mesmos são produtos que atravessam gerações e têm um significado artístico, religioso e econômico para a vida das comunidades. Costilhes vai além das lentes que focam os têxteis, e analisa também a simbologia invisível do ritual da tecelagem feminina. O trabalho se dá entre a imagem dos têxteis e o que eles implicam para além da materialidade. São mãos femininas que desenvolvem o trabalho têxtil.

* Doutorando em Sociologia. UCAM – Universidade Candido Mendes. – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - Pós-Graduação em Sociologia Política. Rio de Janeiro - RJ – Brasil. 20011-901 - josebloliveira@gmail.com

Kim explora o rúgbi em cadeira de rodas. O trabalho foca no corpo do jogador paraplégico. O paraplégico em Goffman é um estigma que rechama o “desvio” ou mesmo “defeito”. O autor explora como o corpo social estigmatiza, exclui e torna o paraplégico in(visível) nas relações sociais. A fotografia de Kim tenta resgatar a agencia e visibilidade do jogadores de rúgbi. Os jogadores paraplégicos para Kim agem e sofrem ação. Eles são corporificados socialmente. Os corpos aqui não são doença física, signos, imagens, estigmas, discursos e nem menos obedientes. Os jogadores se movem, correm, defendem e interagem – e assim questionam o estigma imposto pela sociedade de que o paraplégico é inerte. Os paraplégicos são pouco explorados do ponto de vista de sua agencia e possibilidades de mudanças. No trabalho de Kim podemos ver que a anomalia, anatomia não é um destino.

Copque, faz uma apresentação detalhada do seu diário de campo intercalado com trabalho fotográfico com grupos de homens. A autora nos dá uma descrição do campo percorrido até chegar ao seu objeto de pesquisa. O campo descrito nos dá um rico material estimulante para a reflexão. O trabalho empírico fotográfico se deu primeiramente com 15 meninos moradores de um projeto de uma ONG no Rio de Janeiro. Num segundo momento a autora nos traz a narrativa do trabalho fotográfico sobre o corpo masculino de 15 detentos da Bangu II.

Peixoto, faz um trabalho fotográfico sobre a vida de idosos em instituição asilar. No seu capítulo não somente as fotografias falam, mas também os moradores de asilos. A autora faz um leitura do mundo institucional para idosos – onde este é muitas vezes silenciado em termos de conflitos, violência, incapacidade, maus tratos e mesmo invisível na sociedade. Assim como Kim - autora também trabalha a questão do estigma que o idoso sofre.

Villela traz um ensaio teórico que trata da sociedade Asuriní Xingu e a sua relação com o material fotográfico da sua própria população. Para tal a autora analisa as reações que os Asuriní na década de 1970 tiveram com o homem branco, com as fotografia e câmera de vídeo – e reações que isso causou nesta cultura.

Rocha, explora os retratos pintados da ladeira do Horto, região do município de Juazeiro do Norte. O autor estuda o tempo, memória, tradição e religiosidade nos retratos pintados e a importância deles na cultura nordestina.

Hupsel, descreve a sua própria participação no ritual ayahuasca enquanto objeto e pesquisador ao mesmo tempo. O autor questiona a partir desta experiência os limites entre objeto e pesquisador. A fotografia serve como meio para questionar esses parâmetros onde nossa subjetividade se encontra envolvida / transformada em objeto.

Grunvald, nos traz um artigo teórico onde explora a questão do gênero na fotografia. O autor aprofunda as questões da identidade de gênero numa perspectiva de Butler (2003) onde gênero generifica o sexo - e de consequência o sexo é uma construção identitária também cultural. A identidade sexual em Butler (2003) é uma repetição de atos femininos e masculinos – uma “performatividade” de gênero – e neste caso a fotografia é um agente para subverter a estabilidade da identidade de gênero.

Tacca, fecha o livro com questionamentos sobre a metodologia antropológica que ainda explora pouco a agência da fotografia enquanto ferramenta metodológica em detrimento de textos teóricos na tradição acadêmica.

A professora Novaes nos dá uma excelente introdução com um histórico do uso, interesse e percurso da fotografia na antropologia.

Com que propósito foi escrito?

Os autores têm em comum a câmera. Os trabalhos conjugam o mesmo objetivo de forma coesa: a importância e força da fotografia na antropologia visual. O livro resgata em cada artigo o potencial que o trabalho visual nos traz e os resultados que podemos alcançar. O livro não é feito de receitas mas sim de experiências empíricas que despertam interesse e curiosidade científica. O livro, ao meu ver, questiona profundamente a metodologia e construção do conhecimento científico - somente para citar a riqueza do trabalho de Hupsel, descreve a sua própria participação no ritual ayahuasca – onde questiona o pesquisador, subjetividade, objeto, poder e construção científica. Se diga de passagem que não é muito comum este tipo de trabalho porque ainda é muito difícil se questionar o reliquiário metodológico acadêmico. O empírico de Copque é também um trabalho muito provocativo - primeiro pela audácia da escolha do objeto ainda sagrado: o corpo masculino, e ainda por serem masculinidades marginalizadas em nossa sociedade. O trabalho da autora abre portas para mais pesquisas sobre masculinidades de caráter visual, gênero, poder. O trabalho de Grunvald também sai fora da raia porque traz a questão da identidade de gênero sob as lentes fotográficas. Normalmente os trabalhos de gênero se repetem, e estancam as possibilidades de visualizarmos e jogarmos com o gênero. Ainda o escrito de Grunvald vem num momento em que precisamos de mais esclarecimentos sobre conceitos e teorias de gênero porque a nação está vivendo gênero como ideologia e não direito; este repúdio ao gênero ainda não nos foi esclarecido.

Citei somente três autores para dar uma ideia ao leitor de como foi a minha leitura. A leitura de um crítico é sempre subjetiva, mas acredito que o livro seja realmente inédito. Sim, porque ele explora a antropologia visual, campo ainda virgem na nossa cultura. Aqui (Brasil) há ainda a ideia de que fotografia é algo distante, frio, no álbum de família, no reliquiário, na moldura e muito mais na arte do que em nossas vidas e trabalho acadêmico como de transformação, ação, agência.

Esta obra não é somente para antropólogos. O livro tem um olhar prático, empírico e questionamentos metodológicos estimulantes que se estendem a todos os leitores e profissionais das ciências humanas e sociais, inclusive os fotógrafos e artistas. O livro implicitamente questiona a falta de valorização da pesquisa usando recursos visuais - ainda pouco difusos no Brasil em plena revolução digital.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Submetido: 20/08/2016

Aprovado: 02/11/2016